

A “NOVA NOVA ORDEM MUNDIAL” E O ESGOTAMENTO DO PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA

THE “NEW NEW WORLD ORDER” AND THE EXHAUSTION OF THE POST-COLD WAR PERIOD

LEONARDO FERNANDO DIAS SILVA¹

Data em que o trabalho foi recebido: **05/03/2026**

Data em que o trabalho foi aceito: **10/06/2026**

¹ Graduando em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7746-4451> . Email: leonardofernandods@gmail.com

A “NOVA NOVA ORDEM MUNDIAL” E O ESGOTAMENTO DO PERÍODO PÓS-GUERRA FRIA

RESUMO

Este artigo analisa o esgotamento da ordem internacional estabelecida após o fim da Guerra Fria, ocorrida entre 1945 e 1991 e propõe a categoria analítica “nova nova ordem mundial” como instrumento interpretativo para compreender a atual fase de transição sistêmica global. Argumenta-se que a ordem global contemporânea é marcada pela erosão progressiva da hegemonia unipolar norte-americana, pela intensificação das rivalidades geopolíticas entre grandes potências e pela crescente fragmentação das normas que estruturaram a ordem liberal internacional desde o início da década de 1990. A partir do diálogo com a teoria dos ciclos hegemônicos, com a perspectiva dos sistemas-mundo e com a historiografia da História do Tempo Presente, o artigo examina processos estruturais como a ascensão econômica e tecnológica da China, o retorno da guerra interestatal em larga escala e as tensões políticas internas nas principais potências globais. Diferentemente da noção de multipolaridade, que pressupõe polos relativamente definidos de poder, a categoria proposta busca nomear um período histórico caracterizado por indefinição estratégica, instabilidade normativa e disputa pela reorganização das hierarquias internacionais. Nesse sentido, a “nova nova ordem mundial” designa uma fase intermediária entre a ordem unipolar estabelecida após 1991 e uma configuração internacional ainda em formação.

Palavras-chave: Ordem mundial. Hegemonia. Geopolítica. Transição sistêmica. História do Tempo Presente.

THE NEW NEW WORLD ORDER AND THE EXHAUSTION OF THE POST-COLD WAR PERIOD

ABSTRACT

This article examines the exhaustion of the international order established after the end of the Cold War (1945-1991) and proposes the analytical concept of a “new new world order” to interpret the current phase of systemic transition in global politics. The contemporary international system is increasingly characterized by the gradual erosion of American unipolar hegemony, the intensification of geopolitical rivalry among major powers and the fragmentation of the norms that sustained the liberal international order since the early 1990s. Drawing on hegemonic cycle theory, world-systems analysis and the historiographical perspective of present time history, the article analyzes structural processes such as the economic and technological rise of China, the return of large-scale interstate warfare and the growing political tensions within leading global powers. Unlike the concept of multipolarity, which presupposes relatively stable centers of power, the proposed category seeks to name a historical period marked by strategic uncertainty, normative instability and competition over the reorganization of global hierarchies. In this sense, the “new new world order” refers to a transitional phase between the unipolar order established after 1991 and a new international configuration that has not yet fully emerged.

Keywords: World order. Hegemony. Geopolitics. Systemic transition. Present time history.

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) constituiu marco decisivo na reorganização do sistema internacional contemporâneo. A partir de 1945 consolidou-se uma arquitetura político-econômica global fundada na institucionalização multilateral, na expansão do capitalismo industrial e na polarização estratégica entre duas superpotências. A bipolaridade estruturou a dinâmica da Guerra Fria (1945-1991) sob a lógica da dissuasão nuclear, produzindo uma estabilidade paradoxal assentada na ameaça permanente (HOBBSAWM, 1995).

O colapso da União Soviética, em 1991, foi interpretado como encerramento definitivo desse arranjo. A expressão “nova ordem mundial” passou a designar o período caracterizado pela hegemonia norte-americana, pela difusão do liberalismo econômico e pela expectativa de redução estrutural das guerras interestatais. Durante a década de 1990 consolidou-se a percepção de que a ordem internacional entrava em fase de relativa estabilidade, sustentada pela centralidade das instituições multilaterais, pela expansão dos fluxos financeiros globais e pela integração econômica acelerada. Tal expectativa encontrou expressão emblemática na tese do “fim da História”, formulada por Francis Fukuyama, segundo a qual o colapso da União Soviética representaria a vitória histórica da democracia liberal e da economia de mercado como horizonte predominante da organização política e econômica mundial (FUKUYAMA, 1992).

Entretanto, as transformações das primeiras décadas do século XXI indicam que essa configuração atravessa processo avançado de esgotamento. O retorno da guerra interestatal em larga escala, a intensificação das rivalidades geopolíticas entre grandes potências, o uso sistemático de sanções econômicas como instrumento de coerção e a crescente fragmentação das normas internacionais sugerem que o sistema internacional ingressou em fase de transição histórica.

Este artigo sustenta que o momento contemporâneo pode ser interpretado como um período de transição sistêmica caracterizado pela erosão da hegemonia unipolar, pela dispersão do poder estratégico e pela revalorização do uso da força como instrumento político. Propõe-se, para designar essa conjuntura, a categoria analítica “nova nova ordem mundial”. A duplicação do termo não indica consolidação de nova ordem estabilizada, mas sugere a superação do horizonte histórico inaugurado em 1991, sem que um novo modelo de organização internacional tenha ainda se consolidado.

Metodologicamente, o texto insere-se no campo da História do Tempo Presente, perspectiva voltada à análise de acontecimentos recentes cujos desdobramentos permanecem em aberto,

articulando análise estrutural e interpretação do presente como indício de transformação histórica (ROUSSO, 2016).

HEGEMONIA, FINANCEIRIZAÇÃO E LIMITES ESTRUTURAIS

A ordem internacional estabelecida após 1945 combinou institucionalização multilateral e competição ideológica. As instituições criadas em Bretton Woods, associadas à Organização das Nações Unidas (ONU), constituíram instrumentos destinados a estabilizar a economia global e a administrar conflitos interestatais. A Guerra Fria forneceu coerência estrutural a esse sistema, organizando alianças militares, regimes econômicos e disputas tecnológicas em torno de dois polos geopolíticos.

Com o colapso da bipolaridade, consolidou-se a hegemonia norte-americana sem um contrapeso equivalente. O período pós-Guerra Fria foi marcado pela expansão do neoliberalismo, pela intensificação da globalização financeira e pela ampliação do papel dos mercados internacionais na organização das economias nacionais.

Nesse contexto, a teoria dos ciclos hegemônicos fornece instrumentos analíticos relevantes para compreender os limites estruturais dessa ordem. Giovanni Arrighi (1996) observa que a dinâmica histórica das hegemonias capitalistas segue padrões recorrentes de expansão e transformação estrutural:

[...] Cada ciclo sistêmico de acumulação se caracteriza por uma fase inicial de expansão material, na qual o capital se dirige principalmente à produção e ao comércio, seguida por uma fase de expansão financeira, na qual o capital monetário tende a dominar o sistema econômico. Historicamente, essa transição para a predominância financeira tem sido sinal de maturidade sistêmica, mas também de instabilidade crescente e possível declínio relativo da potência hegemônica (ARRIGHI, 1996, p. 219).

Essa perspectiva permite compreender as contradições estruturais do período pós-Guerra Fria. A hegemonia norte-americana sustentou-se não apenas pela superioridade militar, mas também pela centralidade do dólar no sistema financeiro internacional, pela capacidade de coordenação institucional e pela influência política em diversas regiões do mundo. Entretanto, a intensificação da financeirização global e a redistribuição gradual da capacidade produtiva internacional passaram a indicar deslocamentos sistêmicos que enfraqueceram a estabilidade da ordem unipolar.

DESLOCAMENTOS SISTÊMICOS E ASCENSÃO CHINESA

A emergência da China como potência econômica e tecnológica constitui um dos fenômenos mais significativos da reconfiguração contemporânea do sistema internacional, sendo frequentemente interpretada como expressão dos deslocamentos estruturais da economia-mundo capitalista observados nas últimas décadas (ARRIGHI, 1996; WALLERSTEIN, 2001). O país tornou-se um dos principais centros da economia mundial, ampliando sua participação nas cadeias produtivas globais e expandindo sua presença tecnológica e financeira.

À luz da teoria dos sistemas-mundo formulada por Immanuel Wallerstein, esse processo pode ser interpretado como deslocamento gradual do eixo dinâmico da economia-mundo capitalista. Como observa o autor, “o centro da economia-mundo nunca permanece fixo; ele se desloca conforme mudam as estruturas de produção e poder” (WALLERSTEIN, 2001, p. 67).

A rivalidade estratégica entre os Estados Unidos e a China manifesta-se em diversas dimensões: disputas comerciais, competição tecnológica, controle de cadeias produtivas estratégicas e expansão de influência geopolítica. Essa competição tornou-se particularmente visível nas disputas comerciais intensificadas ao longo da última década, nas restrições relacionadas ao acesso a tecnologias avançadas, como semicondutores e inteligência artificial, e na crescente preocupação com o controle de cadeias produtivas consideradas estratégicas para a economia global. Paralelamente, a ampliação da presença econômica e diplomática chinesa em diferentes regiões do mundo, por meio de investimentos em infraestrutura e integração comercial, passou a coexistir com esforços norte-americanos voltados à preservação de espaços tradicionais de influência política e econômica. Tais movimentos evidenciam que a disputa entre as duas potências ultrapassa a dimensão estritamente econômica, assumindo caráter cada vez mais sistêmico.

Diferentemente de momentos anteriores de sucessão hegemônica, entretanto, o enfraquecimento relativo da potência dominante não coincide, até o momento, com a consolidação inequívoca de novo polo estabilizador. Embora a China tenha ampliado significativamente sua capacidade econômica, tecnológica e geopolítica, a ordem internacional continua fortemente condicionada por instituições, mecanismos financeiros e redes de alianças construídas durante o período de predominância norte-americana. Além disso, a presença de outros atores relevantes, como a União Europeia, a Índia e a Rússia, contribui para um cenário de dispersão do poder internacional, dificultando a emergência de um centro organizador capaz de exercer liderança comparável àquela desempenhada pelos Estados Unidos após o fim da Guerra Fria.

O resultado é um cenário marcado por competição difusa e instabilidade prolongada, no qual diferentes centros de poder disputam influência sem que uma nova arquitetura internacional tenha ainda se consolidado.

GUERRA INTERESTATAL E REVALORIZAÇÃO DA FORÇA

A guerra entre a Rússia e a Ucrânia (2022-presente) constitui um marco emblemático dessa transformação histórica. Ao recolocar a guerra convencional em larga escala no centro da política europeia, o conflito rompeu com a expectativa de estabilidade duradoura associada ao período pós-Guerra Fria. A Guerra da Geórgia (2008) e a anexação da Crimeia pela Rússia (2014) já haviam sinalizado, ainda que em escala distinta, a revalorização progressiva da força como instrumento de disputa geopolítica e os limites da estabilidade projetada após o encerramento da bipolaridade.

Do ponto de vista teórico, o retorno da competição entre grandes potências recoloca em evidência interpretações realistas das relações internacionais. John Mearsheimer (2014) argumenta que a dinâmica estrutural do sistema internacional tende a produzir rivalidades permanentes entre Estados poderosos:

[...] Grandes potências são compelidas pela estrutura anárquica do sistema internacional a competir incessantemente por poder. Como não existe autoridade central capaz de garantir sua segurança, cada Estado busca maximizar sua posição relativa. Essa dinâmica produz inevitavelmente rivalidades intensas, conflitos recorrentes e a possibilidade permanente de guerra entre grandes potências. (MEARSHEIMER, 2014, p. 29).

Sob essa perspectiva, a guerra no Leste Europeu pode ser interpretada não apenas como um conflito regional, mas como uma manifestação de tensões estruturais associadas à redistribuição do poder internacional. Além disso, o conflito evidenciou a centralidade das sanções econômicas como instrumento de disputa estratégica. As restrições impostas pelos Estados Unidos, pela União Europeia e por seus aliados ao sistema financeiro russo, incluindo limitações ao acesso a mercados internacionais, congelamento de ativos e restrições tecnológicas, demonstraram como mecanismos econômicos passaram a desempenhar um papel cada vez mais relevante na competição entre grandes potências. O episódio revelou, ainda, como a economia e a geopolítica tornaram-se dimensões inseparáveis da dinâmica internacional contemporânea.

FRAGILIDADES INTERNAS E TRANSIÇÃO HEGEMÔNICA

Processos de transição sistêmica não são determinados apenas por deslocamentos externos, mas também por tensões internas nas potências dominantes. Nos Estados Unidos, a polarização política observada desde o início do século XXI, os questionamentos em torno da legitimidade dos processos eleitorais, as disputas institucionais relacionadas à condução da política nacional e o endurecimento progressivo das políticas migratórias por meio da ampliação dos mecanismos de controle fronteira e das restrições à entrada de imigrantes refletem transformações profundas no cenário doméstico. Esses processos revelam dificuldades cada vez maiores na construção de consensos internos em uma sociedade marcada por acentuada fragmentação política e ideológica.

A intensificação das disputas eleitorais e o aumento das divisões ideológicas revelam fragilidades internas que dialogam com o desgaste da liderança global norte-americana. Em períodos de transição hegemônica, tais tensões domésticas tendem a influenciar diretamente a política externa e a capacidade de coordenação internacional. A convergência entre a fragilidade interna e a redistribuição do poder global constitui, portanto, elemento central da transição histórica contemporânea.

A NOVA NOVA ORDEM MUNDIAL COMO CATEGORIA ANALÍTICA

A expressão “nova nova ordem mundial” é proposta neste artigo como categoria analítica destinada a interpretar o período contemporâneo de transição sistêmica. A duplicação do termo indica que a ordem inaugurada após 1991 encontra-se em processo de esgotamento, ao mesmo tempo em que um novo padrão de organização internacional ainda não foi plenamente estabelecido.

Do ponto de vista historiográfico, a categoria busca nomear uma fase intermediária entre ordens internacionais relativamente estabilizadas. Diferentemente da noção de multipolaridade, compreendida como uma configuração internacional caracterizada pela existência de múltiplos polos de poder relativamente definidos e pela distribuição de capacidades entre diferentes centros de influência (WALTZ, 1979), a “nova nova ordem mundial” designa um período histórico marcado por indefinição estratégica, competição difusa entre potências, fragmentação normativa e instabilidade institucional.

Essa categoria permite interpretar a conjuntura contemporânea não como simples sucessão de crises isoladas, mas como manifestação de processo sistêmico mais amplo de reorganização das

hierarquias internacionais. À luz da reflexão de Reinhart Koselleck, pode-se afirmar que o espaço de experiência herdado do pós-Guerra Fria já não corresponde ao horizonte de expectativa que sustentava essa ordem (KOSELLECK, 2006). A dissociação entre experiência acumulada e expectativas projetadas constitui indício clássico de mudança histórica.

Nesse sentido, a “nova nova ordem mundial” funciona como conceito histórico destinado a identificar a fase de transição na qual os mecanismos reguladores da ordem liberal internacional perdem eficácia antes que novos padrões de estabilidade tenham emergido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período pós-Guerra Fria não se encerra por ruptura abrupta, mas por desgaste estrutural progressivo. A guerra no Leste Europeu, a ascensão chinesa, a intensificação das rivalidades geopolíticas e as fragilidades internas das potências centrais constituem manifestações convergentes da transição sistêmica em curso.

A categoria “nova nova ordem mundial” permite interpretar esse momento histórico como a fase intermediária entre a ordem unipolar estabelecida após 1991 e uma configuração internacional ainda em formação. Trata-se do período de transição sistêmica característico da conjuntura contemporânea, marcado por dispersão de poder, instabilidade estratégica e redefinição gradual das hierarquias globais.

Se os ciclos hegemônicos não se repetem mecanicamente, mas se transformam conforme suas próprias contradições históricas, o presente revela-se menos como continuidade do pós-Guerra Fria e mais como limiar de nova configuração internacional cujo contorno definitivo permanece incerto.

Nesse sentido, a “nova nova ordem mundial” não representa apenas um conceito descritivo da conjuntura contemporânea, mas um instrumento analítico para compreender a natureza histórica da transição sistêmica em curso no sistema internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos:** o breve século XX (1914–1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IKENBERRY, G. John. **Liberal leviathan:** the origins, crisis and transformation of the American world order. Princeton: Princeton University Press, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MEARSHEIMER, John. **The tragedy of great power politics.** New York: Norton, 2014.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe:** a história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O sistema mundial moderno.** Porto: Afrontamento, 2001.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WALTZ, Kenneth N. **Theory of International Politics.** Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1979.